



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA UFSC
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO CCE
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO**

**Ana Paula Ferreira Mendes
Carolina Rodrigues Lisboa**

**O prazer é meu
Participação e consumo das mulheres na indústria pornográfica**

RELATÓRIO
do *Trabalho de Conclusão de Curso*
apresentado à disciplina *Projetos Experimentais*,
ministrada pela Prof^a. Gislene Silva
no primeiro semestre de 2014
Orientador: Prof. Rogério Christofolletti

**Florianópolis
Julho de 2014**

FICHA DO TCC	Trabalho de Conclusão de Curso - JORNALISMO UFSC		
ANO	2014		
ALUNO	Ana Paula Ferreira Mendes e Carolina Rodrigues Lisboa		
TÍTULO	O prazer é meu – Participação e consumo das mulheres na indústria pornográfica		
ORIENTADOR	Rogério Christofoletti		
MÍDIA	<input checked="" type="checkbox"/>	Impresso	
	<input type="checkbox"/>	Rádio	
	<input type="checkbox"/>	TV/Vídeo	
	<input type="checkbox"/>	Foto	
	<input type="checkbox"/>	Web site	
	<input type="checkbox"/>	Multimídia	
CATEGORIA	<input type="checkbox"/>	Pesquisa Científica	
	<input type="checkbox"/>	Produto Comunicacional	
	<input type="checkbox"/>	Produto Institucional (assessoria de imprensa)	
	<input type="checkbox"/>	Produto Jornalístico (inteiro)	Local da apuração:
	<input checked="" type="checkbox"/>	Reportagem	<input type="checkbox"/> Florianópolis <input checked="" type="checkbox"/> Brasil <input type="checkbox"/> Santa Catarina <input type="checkbox"/> Internacional <input type="checkbox"/> Região Sul País: _____
ÁREAS	Cultura; Comportamento; Pornografia; Cinema erótico.		
RESUMO	<p>Nos últimos 10 anos, a indústria pornográfica mundial passou a investir mais em produtos direcionados ao público feminino. Este Trabalho de Conclusão de Curso se propõe a mostrar como as mulheres no Brasil consomem produtos deste mercado – filmes, vídeos, livros, sites e programas de televisão – e como é atendida a demanda deste público. Na forma de uma grande reportagem impressa, o trabalho tem como principais fontes mulheres que fazem parte do público consumidor e pessoas relacionadas à produção e distribuição de material pornográfico. As pautas tratam de questões como preconceito, mercado e feminismo.</p>		

SUMÁRIO

1 RESUMO.....	5
2 APRESENTAÇÃO DO TEMA.....	6
3 JUSTIFICATIVA.....	12
4 PROCESSO DE PRODUÇÃO.....	14
4.1 ESCOLHA DO TEMA.....	14
4.2 PRÉ-PRODUÇÃO.....	15
4.3 APURAÇÃO.....	16
4.4 REDAÇÃO, EDIÇÃO E FINALIZAÇÃO.....	19
5 RECURSOS.....	21
6 DIFICULDADES, DESAFIOS E APRENDIZADO.....	22
7 AGRADECIMENTOS.....	21
8 REFERÊNCIAS.....	22

1 RESUMO

Nos últimos 10 anos, a indústria pornográfica mundial passou a investir mais em produtos direcionados ao público feminino. Este Trabalho de Conclusão de Curso mostra como as mulheres no Brasil consomem produtos deste mercado – filmes, vídeos, livros, sites e programas de televisão – e como é atendida a demanda deste público. Na forma de uma grande reportagem impressa, o trabalho tem como principais fontes mulheres que fazem parte do público consumidor e pessoas relacionadas à produção e distribuição de material pornográfico. As pautas tratam de questões como preconceito, mercado e feminismo.

Palavras-chave: grande reportagem; pornografia; literatura erótica; entretenimento adulto

2 APRESENTAÇÃO DO TEMA

O sexo como conteúdo artístico faz parte da sociedade há muitos anos. Esculturas, pinturas, literatura, cinema: todas as formas de expressão artística possuem obras que abordam a sexualidade. O público feminino sempre foi consumidor desse tipo de conteúdo, e na última década a indústria pornográfica tem se dedicado a oferecer produtos que agradem também a elas.

No final do século XX, as produções pornográficas passaram a ser mais procuradas pelas mulheres. Para Bruno Dallacort Zilli isso se deve ao principalmente ao advento da internet:

Desde antes da internet, a indústria pornográfica já havia percebido o potencial do público feminino como consumidoras. De acordo com Ross (1993) há “pornografia do ponto de vista das mulheres” desde meados da década de 80. Mas a internet dá ao nicho uma força que nunca viu antes. Não apenas o conteúdo é amigável às mulheres, mas também o acesso a ele: da privacidade da própria casa, de forma anônima e segura – ao menos comparativamente, já que antes da internet o sexo e a pornografia estavam disponíveis comercialmente apenas em espaços

públicos dominados pelos homens (cinemas, lojas de vídeo, bares, prostíbulos) (ZILLI, 2012, p.3).

Na década de 1910 a maioria dos filmes era exibida apenas em bordéis, o que fez com que por anos esse mercado vivesse às margens das grandes produções cinematográficas. Só na década de 1960 esses filmes chegariam aos cinemas. As publicações dedicadas a esse meio dividem-se a respeito de qual seria o primeiro filme lançado: alguns relatam que seria *Mona, a ninfa virgem*, de 1970, e outros *Atrás da porta verde*, de 1972, ambas produções norte-americanas. O primeiro sucesso mundial na história do cinema pornográfico, *Garganta profunda*, foi lançado também em 1972. No Brasil, o primeiro longa-metragem com cenas de sexo explícito foi *Coisas eróticas*, levado aos cinemas em 1982.

Nessa mesma época, anos 80, começou a ser produzido nos Estados Unidos o cinema pornográfico para mulheres. A ex-atriz pornô americana Candida Royalle foi a pioneira nessa vertente. Tendo trabalhado com a indústria pornô tradicional, ela decidiu produzir filmes com uma angulação diferente, que fossem pensados diretamente para o público feminino. Em seguida, outras diretoras ficaram famosas por atuarem nesse mercado: a sueca Erika Lust, a

alemã Petra Joy e a americana Annie Sprinkle são alguns exemplos.

O chamado pornô para mulheres (ou pornô feminista) não tem um conceito formalizado, mas a principal diferença entre esse estilo e o tradicional é que aqui a mulher é protagonista. Esses filmes costumam incluir, por exemplo, cenas de orgasmos femininos. A qualidade técnica, o enredo, figurino, iluminação e trilha sonora buscam estimular todos os sentidos. Nessas produções não costumam estar presentes os clichês do pornô comum: sexo anal, dupla penetração, faciais etc – mas as cenas de sexo explícito estão lá.

As brasileiras são grande parte do público consumidor da indústria pornográfica. Pesquisa realizada pela Playboy mostrou que, em junho de 2013, 49% da audiência dos canais do grupo eram mulheres¹. A Sexy Hot procura investir em uma programação voltada para esse público, com programas como Penetra, que mostra discussões sobre comportamento sexual e os bastidores do mundo erótico. Também nesse canal foi criada a personagem Bárbara, primeiro *cartoon* de caráter sexual voltado para o público feminino. O canal GNT dedica

¹ Disponível em: <http://outrocanal.blogfolha.uol.com.br/2013/08/13/canais-eroticos-atraem-donas-de-casa-e-tem-botao-antiflagra/> Acesso em: 31 de março de 2014

suas noites para a programação adulta, com apresentação de produções de *soft porn*.

Além das produções cinematográficas, a literatura pornográfica é outro produto que agrada às mulheres. Para Eliane Robert Moraes (2003), a literatura foi um dos fatores que impulsionou a formação da cultura pornográfica, desde o Renascimento.

[...]os elementos decisivos para a formação da cultura pornográfica foram dados pela literatura. Ou, mais precisamente, pelos escritos licenciosos de Aretino que, segundo a historiadora Paula Findlen, forneceram um modelo para moderna ficção erótica ao adotar a forma do diálogo entre mulheres, com especial atenção ao comportamento das prostitutas. Livre das restrições temáticas e das imposições estilísticas dos humanistas, em consonância com a forte corrente anticlassicista em voga no século XVI, o poeta italiano destacou-se entre os pornógrafos renascentistas que pretendiam expor “a coisa” em si. (MORAES, 2003, p.124)

Após o sucesso de Aretino, na Europa dos séculos XVII e XVIII houve grande produção de contos eróticos.

Entre os mais conhecidos dessa época estão os textos do Marquês de Sade. No Brasil, esse mercado ganhou força no final do século XIX e no século XX. Aqui podemos destacar como autores importantes: João Ubaldo Ribeiro (*A casa das budas ditosas*), Nelson Rodrigues (*Engraçadinha*) e Adelaide Carraro (*Eu e o governador*).

Em 2012 foi lançado o best-seller *Cinquenta tons de cinza*, livro que fez a literatura pornográfica voltar a ser o centro das atenções, principalmente por ser um texto direcionado às mulheres. Foram mais de 40 milhões de cópias vendidas no mundo. O livro narra as aventuras sadomasoquistas da jovem Anastasia Steele (no início do livro, virgem) com o milionário Christian Grey. Quando publicado no Brasil, 70% da tiragem de 150 mil exemplares saiu vendida da gráfica. Depois de E.L.James, autora da trilogia *50 tons*, várias outras escritoras apostaram na mesma temática, entre as mais famosas: Sylvia Day, Bella Andre, Sara Fawkes e Sophie Morgan. A americana Sylvia Day, autora da série *Crossfire*, esteve presente na bienal do livro deste ano no Brasil. Seus livros já foram publicados em 38 países e venderam mais de 12 milhões de exemplares.

Outros produtos da indústria pornográfica que também são bastante consumidos pelo público feminino são os sites e

tumblrs (site que reúne fotos e *gifs*). O *Forhertube* é o *Youtube* dos vídeos pornô para mulheres, lá elas escolhem entre várias categorias o tipo de conteúdo que mais lhe agrada. Entre os *tumblrs* mais acessados estão: *porn4ladies.tumblr.com*, sem texto, traz fotos e *gifs* com nus, sexo explícito, imagens de filmes famosos; *graysprovocation.com*, fotógrafo que faz um trabalho mais artístico, basicamente fotos e vídeos de mulheres nuas; *sexographies.tumblr.com*, muitas fotos e poucos *gifs*, de nus e sexo explícito.

São vários os produtos pornográficos que tem sido feitos pensados especificamente para o público feminino. E mesmo ainda existindo um tabu em relação a mulheres falando abertamente sobre suas preferências sexuais, elas estão cada vez mais abertas a experimentar e buscar sozinhas por informações e conteúdo que as estimulem sexualmente.

Para as mulheres, a habilidade de se expressar publicamente sem medo ou vergonha sobre como narrativas pornográficas fazem elas se sentirem é nova, e característica da internet. Do ponto de vista dos direitos das mulheres e da liberdade de expressão, este é um fenômeno bem vindo, que deve ser reconhecido e encorajado. (ZILLI, 2012, p.7)

3 JUSTIFICATIVA

Para Fernando Ribeiro Matos, a pornografia ainda encontra uma resistência no mundo acadêmico, e quando é utilizada como objeto de estudo “é feita a duras penas, sempre flertando com higienismo e esbarrando no conservadorismo que assola o campo” (2010, p.4).

Se na academia a pornografia encontra resistência, não é diferente o tratamento que lhe é dispensado na programação dos grandes meios de comunicação. Se o sexo em uma novela é sugerido – observando-se limites e critérios para que não haja fuga de patrocinadores, impedimentos de veiculação em determinados horários e principalmente baixa audiência -, na pornografia essa “encenação” é a própria narrativa em contraponto aos produtos “convencionais” onde a relação sexual é um adereço dentro da estória. (MATOS, 2010, p.4)

Dessa forma, grandes reportagens que abordem o tema na perspectiva do consumidor, do artístico, do cultural são necessárias para que se tenha mais informações disponíveis no mercado e para diminuir preconceitos a respeito da

pornografia. Quanto mais as pessoas conhecem sobre determinado assunto, menos estranho este lhes parece.

Dentro desse quadro, optamos por tratar apenas do público feminino, pois a disponibilidade de produtos dedicados especificamente a elas cresceu nos últimos anos. Em uma área que antigamente era prioritariamente masculina, onde o senso comum declarava que "mulher não gosta de pornografia", encontrar produções feitas para estimular mulheres - com um público fiel - é um fenômeno que deve ser divulgado. Na imprensa brasileira, as matérias a respeito do assunto são feitas apenas para o *online*, destacando produções feitas fora do país e sem abordar a perspectiva das consumidoras. Este trabalho mostra como são as mulheres que consomem esse conteúdo adulto, o que o mercado brasileiro produz para atender essa demanda e é apresentado em veículo impresso, pois na internet as matérias acabam sendo acessadas somente por quem busca o assunto.

A relevância jornalística do tema se dá pela proposta de divulgar um assunto atual que não tem muito espaço na mídia impressa. O objetivo é mostrar a importância de se produzir conteúdos pornográficos direcionados às mulheres e despertar o interesse da sociedade para uma questão que ainda é tabu.

4 PROCESSO DE PRODUÇÃO

4.1 ESCOLHA DO TEMA

A escolha do tema se deu no segundo semestre de 2013, durante a disciplina de Técnicas de Projetos. No início, o trabalho seria feito somente pela aluna Carolina Lisboa. A ideia surgiu pelo fato de que em conversas com amigos e amigas, pouco se via mulheres admitindo gostarem de assistir filme pornô, frequentar sex shops e de consumir literatura erótica, como o livro *Cinquenta tons de cinza*. Além disso, as opiniões eram de que os filmes pornôs, em geral, apresentavam uma visão machista do sexo, normalmente mostrando a mulher em posições impossíveis de serem feitas, sentindo prazer com coisas que certamente causam dor, obrigadas a satisfazer os homens a todo momento. Somado a isso, lia-se algumas reportagens que falavam de um novo gênero de pornô, considerado feminista, mas que ninguém sabia ao certo definir o que era. A partir de fevereiro, quando optamos por levar o projeto em dupla, conversamos e resolvemos manter a ideia inicial que era mostrar quem eram essas mulheres que gostavam de consumir pornografia, seja por meio de filmes ou livros, e descobrir se o mercado pensava nas mulheres como um público consumidor na hora de produzir seus conteúdos.

4.2 PRÉ-PRODUÇÃO

A primeira atividade foi conversar com amigos e amigas a fim de encontrar meninas e mulheres que gostassem de consumir pornografia e não se sentissem constrangidas de conversar sobre o assunto. Através de indicações, fizemos os primeiros contatos para descobrir a melhor forma de entrevistá-las – seja pessoalmente, por e-mail, Skype, etc.

Depois deste primeiro passo, fomos atrás de fontes relacionadas ao mercado: produtores, atrizes, Associação Brasileira das Empresas do Mercado Erótico e Sensual (ABEME) e mulheres que produziam conteúdo, ainda que de forma mais amadora, como escritoras de contos eróticos em blogs.

Depois disso feito, buscamos especialistas e estudiosos para darem uma visão mais teórica do assunto. Aqui entramos em contato com psicólogos, sociólogos, antropólogos, sexólogos e escritores.

Por fim, procuramos eventos e feiras que fossem ocorrer no primeiro semestre de 2014 para conversarmos com diversas fontes em um mesmo lugar, facilitando, dessa forma, a apuração. Nos programamos para participar da Erotika Fair, entre os dias 27 e 30 de março, em São Paulo. Solicitamos

credenciais de imprensa para podermos circular no evento e termos acesso a fontes mais difíceis.

4.3 APURAÇÃO

As primeiras entrevistas foram feitas ainda em fevereiro, com as primeiras mulheres que concordaram em conversar conosco.

A escritora de contos Beth Vieira, de 43 anos, foi a que mais rápido respondeu e teve disponibilidade. Como ela mora no Rio de Janeiro, a entrevista foi feita por Skype.

A estudante de Design de Produto, Ana Carolina Bogo da Rosa, 22 anos, mora aqui em Florianópolis e pudemos conversar com ela pessoalmente, na casa de sua namorada, na Trindade.

Gabriela Reinert, 20 anos, assistente de consultoria, apesar de morar na cidade, preferiu responder as perguntas por e-mail, alegando certa vergonha de conversar ao vivo sobre o assunto.

Camila Salvá, estudante de Letras, 23 anos, e a enfermeira Bárbara Andres, 26, moram no Rio Grande do Sul e, por isso, as entrevistas também foram feitas por Skype.

Todas as conversas foram devidamente gravadas para, mais tarde, serem transcritas e facilitarem a seleção de informações.

Após essa primeira sequência de entrevistas, tentamos marcar horário com as primeiras fontes de mercado: Mayara Medeiros, da X-Plastic; representantes do canal Sexy Hot e Fabão, produtor da Brasileirinhas, mas não obtivemos respostas de ninguém, mesmo após várias tentativas de contato. Esperamos, dessa forma, a Erotika Fair, onde várias dessas fontes estariam presentes e talvez fosse mais oportuno conversar no local.

Na sexta-feira, dia 28 de março, viajamos ainda de manhã para São Paulo, para pegar o segundo dia da feira. A ideia era chegar antes das 17h, quando só estaria aberta para imprensa e empresários do setor. Todavia, o trânsito atrasou e chegamos ao local passava das 18h. Nesse primeiro dia, aproveitamos para nos ambientar, ver os estandes disponíveis, as atrações, os shows, marcar entrevistas e, no dia seguinte, preparamos perguntas para entrevistados específicos.

No evento conversamos com: Mayara Medeiros, sócia proprietária da X-Plastic; Paula Aguiar, presidente da ABEME; Clidenor e Ricardo Queiroz, representantes do site da X-Art no Brasil; Jenna e Jake, dois integrantes do *casting*

da X-Art; Adriana Menezes, assessora de imprensa da Sexy Hot e Helena Almeida, autora do livro “Guia do Sexo Ilustrados”.

Também durante a feira, encontramos com o ator pornô Kid Bengala, mas não conseguimos entrevista pela quantidade de pessoas que estavam ao redor dele. Participamos de um workshop de sexo tântrico. Provamos gelatinas em formato de pênis. Aliás, lá tinha tudo em formato de pênis e vagina: gelatina, chocolate, velas, chaveiros, entre outras coisas. Assistimos um show burlesco com a Sweetie Bird, muito famosa no meio; uma dança sensual com um belo grupo de rapazes inspirados na banda Village People e uma encenação com os atores da X-Art.

Participar da Erotika Fair ajudou bastante para que pudéssemos nos aprofundar neste mundo de erotismo e pornografia e entendermos melhor como as pessoas lidam com isso, tanto as que trabalham na área quanto aquelas que estavam lá como visitantes. Encontramos muitos casais, mas também muitas mulheres sozinhas e em grupos com amigas.

De volta a Florianópolis, transcrevemos as entrevistas e tivemos uma dimensão melhor do material que tínhamos à disposição. Resolvemos finalizar a apuração com fontes especialistas no tema, uma vez que, dessa forma, teríamos

mais respostas e dúvidas para entender questões relacionadas a comportamento e sociedade.

Entrevistamos a sexóloga Ângela Barcelos e, por e-mail, conversamos com o sociólogo Paulo Sérgio do Carmo, o psicoterapeuta sexual Oswaldo Rodrigues Júnior, a antropóloga Maria Eduarda Ramos e o escritor e estudioso em literatura erótica Flávio Braga.

Nesse meio tempo, tentávamos contato com Erika Lust, diretora sueca que é o principal nome quando se fala em pornô para mulheres. Na primeira tentativa, por e-mail, não obtivemos respostas. Algumas semanas depois, optamos por entrar em contato através de sua página pelo Facebook. Dentro de alguns dias ela respondeu aceitando participar e pedindo que enviássemos as perguntas por e-mail. Esperamos duas semanas até que Erika retornasse e iniciamos o processo de tradução e edição da entrevista, que, inicialmente, ficou com mais de 14 mil caracteres.

Depois de todas as entrevistas feitas, criamos uma estrutura mais sólida determinando pautas e percebemos a necessidade de conversar com algum dono de locadora e também com alguma mulher que administrasse uma página de Facebook ou um site de sucesso na internet relacionado com a pornografia. Optamos pelo Hilton Zilberknop, dono da Zil

Video, locadora em Porto Alegre conhecida por armazenar o maior acervo de vídeos pornô e filmes raros, e Andrezza, responsável pela página “Meus Fetiches” no Facebook, que, atualmente, possui quase um milhão e duzentas curtidas. Andrezza é, na verdade, um codinome, porque ela preferiu não se identificar, o que dificultou um pouco aproveitar a entrevista na reportagem. Uma vez que pretendemos quebrar tabus e mostrar que as mulheres gostam de pornografia sim, e que não existe problema nenhum nisso, achamos que seria incoerente colocar uma fonte que não quisesse divulgar seu nome.

4.4 REDAÇÃO, EDIÇÃO E FINALIZAÇÃO

Depois de finalizada a apuração, estruturamos a reportagem da seguinte forma: seria composta por um abre, cinco retrancas e uma entrevista.

O abre foi escrito com a ideia de chamar o leitor para as páginas seguintes de uma forma mais ousada e descontraída, ao mesmo tempo que dava um resumo do conteúdo da reportagem inteira.

O trabalho segue com uma matéria sobre quatro das fontes com quem conversamos e que gostavam de assistir

pornô por prazer próprio. Junto às declarações, usamos especialistas para reforçar ideias.

A segunda pauta é sobre o gênero pornô feminista, com conceitos gerais, principais diretoras, obras, um relato mais histórico, mostrando quando e como esse movimento teve início.

Depois de devidamente explicado para o leitor sobre esse tipo de pornô, optamos por analisá-lo e discutimos questões sobre o preconceito, como, por exemplo: criar um gênero específico para mulheres desconstrói ou reafirma o preconceito em relação às mulheres que gostam de assistir ao pornô “convencional”?

Dada a importância que Erika Lust tem no cenário da pornografia para mulheres, achamos relevante separar um espaço da reportagem para uma entrevista no estilo ping pong com a diretora sueca, explicando melhor o seu trabalho e a questão de como definir o gênero, sem parecer uma forma de segregação.

Nesse momento da reportagem, optamos por dar uma dimensão do mercado adulto e da participação da mulher nele. Essa reportagem ficou um pouco mais rígida, pela quantidade maior de números e menor possibilidade de solturas no texto. Para tentar quebrar a sisudez dos dados, elaboramos um

infográfico trazendo os principais números do mercado erótico no Brasil. Depois de dados gerais, esta matéria se ramificou para que pudéssemos falar mais especificamente dos filmes e da literatura, foco do nosso projeto.

E, para finalizar, a ideia da última matéria surgiu após a apuração, quando percebemos que não só as mulheres gostam, sim, de consumir produtos pornôis, mas que elas já garantiram seus lugares dentro da indústria, produzindo tal conteúdo. Conversamos com cargos importantes do setor e grande parte delas eram mulheres: a presidente da Associação Brasileira das Empresas do Mercado Erótico e Sensual (ABEME), uma das sócias da produtora de conteúdo adulto X-Plastic, escritoras, atrizes, a própria Erika Lust, entre outras.

As duas alunas escreveram todos os textos em conjunto e tiveram total liberdade para alterar o que achassem necessário. Para facilitar a produção em dupla, dividimos as retrancas de forma cada uma ficou mais responsável por montar o esqueleto de determinada matéria.

Após escritas e avaliadas pelas duas alunas, as matérias eram enviadas ao orientador, para que ele fizesse seus apontamentos e, em seguida, esses fossem corrigidos, aumentados ou cortados. As sugestões de títulos também

ficaram sob responsabilidade das duas alunas e levaram em conta sugestões do professor orientador.

Em relação ao projeto gráfico, a ideia inicial era terceirizar a diagramação para não perdermos muito tempo focando na apresentação dos textos e sim na produção deles. Porém, conseguimos agilizar o cronograma e, para cortar custos, decidimos que diagramaríamos por conta própria. Optamos por uma diagramação que criasse uma identidade entre as retrancas e utilizasse o vermelho, por ser uma cor quente, divertida e que tinha relação com alguns detalhes das fotos.

O ensaio fotográfico foi produzido por uma equipe de sete pessoas: as fotógrafas e os modelos foram colegas de curso, as duas alunas fizeram a produção e direção e um amigo em comum cedeu a locação do espaço. Fomos em um domingo, dia 1º de junho, para a praia dos Ingleses e passamos o dia inteiro fotografando no apartamento do Guilherme Hames, namorado da Ana Paula. No fim, as fotos ficaram ótimas e refletiram exatamente o que queríamos mostrar: que as mulheres podem se excitar de formas diferentes e em situações distintas.

5 RECURSOS E GASTOS

Para a realização do TCC, os gastos foram:

Valores	Fins
R\$ 480	Passagens de ida e volta Florianópolis – São Paulo
R\$ 200	Transporte de ida e volta, por dois dias, para a Erotika Fair.
R\$ 100	Ensaio fotográfico
R\$ 234	Impressão do trabalho
Total: 1.014,00	

Em relação aos recursos, utilizamos nossos próprios celulares para a gravação das entrevistas. No ensaio fotográfico, câmeras, objetivas e flashes eram das colegas e fotógrafas Giuliane Gava e Dayane Ros. Para compor a iluminação, pedimos emprestada a luminária Fresnel, do Laboratório de Telejornalismo, do curso de Jornalismo da UFSC.

6 DIFICULDADES, DESAFIOS E APRENDIZADO

Tivemos algumas dificuldades para a realização do TCC: desde o tema, que gerou certo tipo de preconceito, até conciliar três agendas diferentes para encontros presenciais.

Somando-se ao fato de que era a primeira vez que estivemos em contato com um trabalho tão extenso, que precisaria de um maior fôlego para que não ficasse cansativo para o leitor.

Logo que começamos a contatar as primeiras fontes, algumas delas ficaram receosas quando souberam que seus nomes seriam publicados – uma de nossas condições. Só depois de convencimentos é que conseguimos algumas delas.

A maior parte das dificuldades surgiu nas pautas relacionadas ao mercado. As fontes a quem enviamos os primeiros e-mails não nos retornaram. Outras aceitaram conversar e disponibilizar dados, mas depois sumiram. Só quando fomos à Erotika Fair é que pudemos contatar algumas dessas fontes, como Mayara Medeiros, da X-Plastic. Lá também conversamos com a assessora do canal Sexy Hot e ela nos prometeu enviar dados de pesquisas sobre o perfil do público assinante. De volta a Florianópolis, entramos em contato e ela nos respondeu que a empresa talvez não pudesse fornecer os dados até a data de entrega do TCC. A solução foi conversar com ela e obter o maior número de informações que ela pudesse nos passar sem as pesquisas da empresa.

Algumas fontes não puderam nos ajudar devido a viagens ou falta de tempo. O escritor Flávio Braga inicialmente se mostrou disposto a nos responder algumas

perguntas, mas, logo que enviadas, explicou que só teria tempo na primeira semana de julho, devido a uma viagem de última hora. Tais imprevistos acabaram por atrasar o cronograma inicial do projeto.

Por fim, tivemos algumas dificuldades na hora de pensar em formas de ilustrar a reportagem. Primeiramente, pensamos em pedir a fotógrafos que cedessem algumas imagens. Alguns responderam que seria impossível, uma vez que os direitos de imagem pertenciam às modelos das fotos. Um estúdio em específico mostrou um preconceito claro a respeito do tema e retornou afirmando que “se queríamos ser boas jornalistas, deveríamos aprender a nos informar melhor antes de entrar em contato com as pessoas. Que o trabalho deles não se adequava ao nosso, porque eles trabalhavam com mulheres mães, casadas e que não havia interesse de trabalharem com prostitutas ou atrizes pornô”.

Os desafios de seguir adiante com um projeto desses são inúmeros, entre eles o fato de se expor diante de situações inusitadas e preconceitos velados – ou não – inseridos em brincadeiras. Mostrar naturalidade, deixar as fontes mais confortáveis durante as entrevistas, escrever matérias de um modo que leve a sério o assunto, mas que também seja divertido para os leitores.

Sabíamos que seria polêmico desde que decidimos falar sobre esse assunto. Como vimos durante a reportagem, a sociedade ainda não trata com naturalidade a mulher que banca gostar de sexo, de falar abertamente sobre isso, de contar suas histórias e de estar presente em um mundo que tradicionalmente pertencia aos homens.

Em relação aos aprendizados, podemos dizer que estivemos em contato com pessoas e temas que, talvez sem o trabalho, jamais teríamos, mesmo em anos de profissão. Aprendemos a lidar melhor com o preconceito de terceiros e o nosso próprio. Aprendemos a falar mais abertamente sobre o assunto e incentivar que outras pessoas também o façam, sem o constrangimento que envolve a maior parte das conversas sobre pornografia. Aprendemos a nos divertir enquanto trabalhávamos e, por fim, nos familiarizamos melhor com um texto mais longo, tentando deixá-lo o mais solto, divertido e prazeroso possível, que, no fim das contas, é a principal mensagem da reportagem.

7 AGRADECIMENTOS

Agradecemos, primeiramente, uma a outra, pelo trabalho de parceria que tornou possível a realização do projeto.

Agradecemos também aos nossos familiares e amigos, pela ajuda e compreensão durante todo o semestre.

Aos nossos chefes, que permitiram algumas folgas e atrasos em função do TCC.

Às fontes, que sempre se mostraram dispostas nas entrevistas e em dúvidas posteriores.

E ao nosso orientador, que, com compreensão, atendeu aos nossos pedidos, mesmo com a falta de tempo e de horários compatíveis.

Por fim, somos muitíssimo gratas aos colegas que ajudaram diretamente na realização da reportagem: Giuliane Gava e Dayane Ros, nossas fotógrafas. Patrícia Siqueira e José Antônio Huntemann, modelos dos ensaios. E Guilherme Hames, por ter cedido o espaço que serviu de locação para as fotos.

8 REFERÊNCIAS

MATOS, Fernando Ribeiro. **Do “papai e mamãe” ao hardcore**: um olhar sobre as práticas pornográficas. In: ENCONTRO NACIONAL UNIVERSITÁRIO DA DIVERSIDADE SEXUAL, 8., 2010, Campinas. Disponível em:

<<http://www.identidade.org.br/2010/html/gats/index.html>>
Acesso em: 11 out. 2013.

MORAES, Eliane Robert. O efeito obsceno. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 20, p. 121-130, 2003.

ZILLI, Bruno Dallacort. **Nasce uma estrela pornô?** – na internet, um tipo de pornografia que mulheres gostam. 2012. Disponível em: <<http://www.genderit.org/es/resources/nasce-uma-estrela-porn-na-internet-um-tipo-de-pornografia-que-mulheres-gostam>> Acesso em: 11 out. 2013.

